

CORLUZ
I.C.

(Galeria Nara Roesler, São Paulo) - Mestre da abstração, o pintor paulistano Hermelindo Fiaminghi, 77 anos, exhibe 20 telas recentes que dão continuidade à sua pesquisa que mostra as várias possibilidades de usar os efeitos da cor de acordo com a luz. Celebrado como um dos pioneiros do movimento concretista, Fiaminghi desenvolve agora um trabalho inteiramente voltado para os resultados óticos da justaposição de tonalidades e formas. Através de cores puras, obtidas de pigmentos naturais, o artista plástico enfileira círculos e semicírculos em linhas paralelas e entrecruzadas, criando áreas de intensa vibração cromática. Às vezes, estas mesmas formas ganham inesperados contornos de paisagem, deixando entrever troncos de árvore e regiões de sombra ou intensa luminosidade. Tanto nas telas geométricas como nas de sugestão figurativa, a pintura de Fiaminghi é uma constante festa para os olhos.
(I.C.)

Publicado na revista *IstoA*, São Paulo, (1492): 118, 6 maio 1998.

APRESENTAÇÃO

Haroldo de Campos
São Paulo, abril de 1996

De repente, dei-me conta de que nunca escrevi um texto sobre o Fiaminghi! E, no entanto, desde os anos 50, quanto representou para mim, para os meus companheiros de aventura concreta a presença firme do Fiamma (jovem então, hoje venturosamente vetusto nos seus setenta e seis bem vividos anos). O Fiamma, que sabia tudo de litografia e artes gráficas, que tinha um olho certo para a cor e a contracor, que lançava retículas na tela como um pescador lança a rede no mar ensafirado. O Fiamma, sem cujo tirocinio tipográfico não teriam sido possíveis os poemas-cartazes-quadros de *Noigandres*, no arranjo visual com que figuram na *I Exposição Nacional de Arte Concreta* (MAM, São Paulo, dezembro de 1956 – faz quarenta anos!); sem o qual não haveria a esplêndida capa serigráfica (matriz recortada por sua mão segura) do número 4 (1958) da revista-livro *Noigandres* – mostra portátil de poemas, álbum propositadamente anônimo em que perseguimos (Augusto, Décio, Ronaldo e eu) o ideal mallarmaico da “abolição elocutória do eu” – fase geométrica, fase “heróica”, da “matemática da composição”: o Mallarmé da “geometria do espírito”; o Lautréamont do elogio às matemáticas; o Pound da “poesia-matemática inspirada”; o lecorbusieriano engenheiro João Cabral nada teriam a opor ao conceito, que irritou o subjetivismo surreal-expressionista dos “cariocas” e os levou a apor um *neo* ao concreto e a se embevecer de tal forma por ele que, de repente, se esqueceram (os críticos discipulares que os promovem, sobretudo) de que um *neo*, como todo prefixo, só existe em função do substantivo – da substância – que, como partícula de um todo, prefixa.

Sem o Fiamma também não existiria o maravilhoso *layout* do meu *Xadrez de Estrelas* (Perspectiva, 1976), em que já começa, em carminadas retículas, a sua fase dos “desretratos” (se jamais escrevi sobre o mestre-pintor, pelo menos dei o batismo a essa fase de seu trabalho, como também ao momento fugaz, mas relevante, dos amáveis “casulíricos”: casulos líricos para Corluz).

Mas já que toquei no assunto polêmico, voltemos a ele. Justo, justíssimo, o prestígio, nacional e internacional, de que hoje gozam os artistas-pintores *neconcretos*. A dita poesia *neo*, diga-se de passagem, praticamente na existiu: começou, entre outros ingredientes, com junguianas místicas spanudescas – o Theon (Neon Paludis), que nos criticava, aos poetas, por estarmos sob a influência supostamente deletéria do marxista gramsciano ítalo-brasileiro Waldemar Cordeiro, desagou pouco tempo depois, em acordos caritativos e frustos de arrabecados violões-de-rua.

Fui amigo pessoal e correspondente de Hélio Oiticica

Publicado no livro dos autores Isabella Cabral e M. A. Amaral Rezende. *Hermelindo Fiaminghi*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998, pp. 11-14

Obs: retirei as notas do texto. Ver. Ponderar se entrará o texto na íntegra.